

## **O HUMOR EM *PRIMEIRAS ESTÓRIAS* DE JOÃO GUIMARÃES ROSA.**

Larissa Quachio Costa, Sylvia Telaarolli. – Letras – Departamento de Literatura – Faculdade de Ciências e letras – Campus de Araraquara.

A pesquisa consiste em identificar elementos que compõem ou caracterizam o humor em textos de *Primeiras Estórias*. Para tanto, propõe-se a leitura da obra rosiana a ser analisada e o estudo de suas características através das várias críticas literárias. Porém, antes das análises é necessário explicitar o que se entende como humor, tomando como embasamento teórico o conjunto de estudos sobre “O humorismo” de Luigi Pirandello, os textos “O cômico e a regra” e “Pirandello ridens” de Umberto Eco, a obra “Comichidade e Riso” de Vladimir Propp e a “Poética” de Aristóteles.

O universo do cômico abrange distintas modalidades e o humor parece localizar-se nesse campo que envolve o cômico e o trágico. O cômico como fenômeno antropológico responde ao instinto do jogo, ao gosto do homem pela brincadeira e pelo riso, a sua faculdade de perceber aspectos insólitos e ridículos da realidade física e social. O cômico expõe uma contradição engraçada e o humor cria uma reflexão, daí o seu riso filosófico. Os três critérios pelos quais o cômico se opõe à tragédia são: os personagens são de condição inferior, o desenlace é feliz, a finalidade consiste em provocar o riso.

Entretanto, não é simples distinguir com precisão o cômico do trágico. Uma possibilidade de distinção, segundo Eco, está na representação da violação da regra: o trágico entretém-se na reflexão sobre a regra violada, já o cômico descarta essa reflexão, uma vez que viola regras bastante conhecidas e por nós interiorizadas, porque “para fruir a violação é preciso que a regra do gênero já seja pressuposta e considerada inviolável”. (1984, p.349).

Então, de acordo com Eco o humor localiza-se entre esses dois gêneros, pois no trágico “a regra confirmada pertence ao universo narrativo” (é enunciada pelas personagens), já no humorismo “a descrição da regra deveria aparecer como instância, mesmo que oculta, da enunciação, a voz do autor que reflete sobre as situações sociais nas quais a personagem deveria acreditar (...)” (1984 p.351). Dessa maneira pode-se dizer que o humorismo supera o trágico em relação ao distanciamento metalingüístico e que há humor quando, no universo do cômico, penetra-se uma nota trágica.

Para Pirandello, o cômico nasce de uma percepção do contrário, como no famoso exemplo, de uma velha já decrépita que se cobre de maquiagem, veste-se como uma moça e pinta os cabelos. Ao perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma velha senhora deveria ser, produz-se o riso, que nasce da ruptura das expectativas, mas, sobretudo do sentimento de superioridade. Tal definição do cômico como percepção do contrário deve estar ligada ao fato de alguns estudiosos do cômico destacarem o distanciamento, o não envolvimento afetivo como componente indispensável da comichidade, que provoca um olhar de superioridade diante das falhas alheias. Para haver o riso, deve-se pensar que não há observação do comportamento: por isso é que Aristóteles define a comédia como representação de “homens inferiores”, pois enfatiza o que há de ridículo neles: “O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica que, sendo feia e disforme, não tem [expressão] de dor”. (Aristóteles, 1973, p.447). Dessa forma, pode-se diferenciar o cômico do trágico pela reação que ambos provocam; o trágico provoca a compaixão, o terror e como efeito “a purgação dessas emoções”, já o cômico lida com ações e vícios mais irrelevantes.

Ainda segundo Pirandello, a percepção do contrário pode transformar-se num “sentimento do contrário”, (— quando aquele que ri procura entender as razões pelas quais a velha se mascara na ilusão de reconquistar a juventude perdida. Neste passo, a velha da anedota não está mais distante do sujeito que percebe, porque este último pensa que também poderia estar no lugar da velha — seu riso se mistura com a compreensão piedosa e se transforma num sorriso) isto é, surge o humor quando procuramos entender o comportamento incomum que provoca o riso, renunciando ao distanciamento e ao sentimento de superioridade.

Outro aspecto importante para a compreensão do humor é o fato deste incluir eventualmente a “excentricidade de estilo” (Pirandello, p. 118). O humorismo necessita do movimento livre e espontâneo da língua e esse movimento está na “língua viva” (idem, p. 55), praticada por escritores rebeldes à retórica. A forma humorística, ao “romper convenções e tirar máscaras, age como uma forma metalingüística sobre a linguagem petrificada com que representamos e explicamos a vida”.

(Eco, 1989 p. 258). Dessa forma, o humor traz a reflexão não só com relação aos sentimentos e ações, mas também com relação à própria linguagem.

Para Propp, o riso bom com afetuosa cordialidade está ligado à apresentação de situações que envolvem crianças, porque o riso “surge quando deparamos com manifestações exteriores de vida espiritual, que escondem interiormente uma substância que lhes é inadequada”, no caso das crianças ocorre o contrário, pois sua vivacidade exterior não esconde, mas revela sua substância interior; então não existe desarmonia, “pelo contrário, trata-se de harmonia e esta integridade nos alegra”. (p. 154).

Nos textos de *Primeiras Estórias* observa-se que as situações de humor e de comoção muitas vezes se associam à excentricidade, à extravagância, ao comportamento de personagens que possuem atitudes incomuns, surpreendentes, pois, não são afeitos às regras sociais e todos se identificam por um traço comum: a excepcionalidade do caráter, pois muitos são loucos.

Narrativas como “Pirlimpsiquice”, “Partida do audaz navegante”, “Tarantão, meu patrão” e “Darandina”, bem se adequam às afirmações de Propp, por igualmente apresentarem personagens, as duas primeiras são crianças inocentes e as duas últimas figuras excêntricas. Todos privados do uso da razão, mas com uma certa harmonia entre suas atitudes e sua interioridade ilimitada, ou seja, a loucura deles oscila entre a essência e a aparência.

A excentricidade que provoca o humor nos contos de *Primeiras Estórias* está muito mais no campo de estilo, então, essa “excentricidade de estilo”, apontada por Pirandello, como característica dos autores que escapam às correntes da retórica tradicional, marca os textos rosianos. O humor brota da desautomatização da percepção da palavra, tornada poética pela estranheza e pela renovação de sentido, do uso de neologismos.

Dessa maneira, podemos notar que nos contos de *Primeiras Estórias* há uma mistura de elementos que contribuem para o efeito poético e para o efeito do humor. Tais recursos voltados à expressão, à linguagem, levam, à reflexão metatextual que aparece explicitamente, quando exercitam a arte de contar, como Brejeirinha, em “Partida do audaz navegante”.

Muitas das *Primeiras Estórias* são histórias de amor e violência, mais pressentida do que concretizada e nesse jogo de espera e decepção, clímax e anticlímax com expectativas frustradas, é que se situa um campo privilegiado para o humor.

Então, pode-se perceber que o efeito do humor nas narrativas que tematizam a violência, dá-se pela contradição que há entre o fim trágico aguardado e o desfecho cômico apresentado, e, ao final desfaz a tensão que afligira personagens e leitores. As situações inesperadas apresentadas no final dos contos se devem à focalização adotada, que alimenta o suspense necessário para que a surpresa aconteça.

À guisa de conclusão, objetivando identificar um elemento comum caracterizador dos efeitos humorísticos nas narrativas rosianas, nota-se uma certa reflexão metatextual, denunciada nos jogos com a linguagem, nas artimanhas dos narradores, na oscilação entre o lúdico e o lírico. Enfim, pode-se pressupor que, tal reflexão, por mais atraente e sedutora que seja a magia do narrado, instiga a desconfiança, o exercício da malícia, que lembra que tudo é ilusão, tudo é representação.

### **Referências Bibliográficas:**

Aristóteles. *Poética*. Rio de Janeiro: Abril, 1973. (Os pensadores).

Barbosa, Sônia Aparecida. *A viagem e os viajantes em “Tarantão, meu patrão...” de Primeiras Estórias*. Araraquara, 2003. 24f. Monografia (Monografia de conclusão do curso de especialização em teoria e crítica da literatura Fundamentos da leitura crítica da literatura) — Faculdade de Ciências e Letras.

Eco, U. O cômico e a regra. In: *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Pirandello ridens. In: *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

Pirandello, L. *O humorismo*. São Paulo: Experimento, 1996.

Propp, V. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

Rónai, P. Vastos espaços. In: Rosa, Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

Rosa, G. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.